



A pergunta que não quer calar: E aí, como foram as férias!?

Iara

Iavelberg

BOCA

Boletim do Centro Acadêmico

Centro Acadêmico

Número: 16

12 de agosto de 2003

Instituto de Psicologia

USP-SP

27 DE AGOSTO É O DIA DO PSICÓLOGO!

"Não fique triste, um dia você será um, eu acho..." Sr. Psicool *

*Fonte: *Informativo Ethos*, Ano II, nº 14, do C.A.P. Vinte e Sete de Agosto, da U. São Marcos. [José Israel (01)].

FORRÓ NA PSICO

Ivan(02)

Nesta Quarta-feira, dia 14, estaremos reunindo pessoas que estiverem interessadas em aprender a dançar forró, das 18h00 às 19h30.

A intenção é formar um grupo permanente de pessoas, que justifique o patrocínio do CAII e nada seja cobrado dos alunos.

Vamos começar do básico, não precisa saber dançar.

A indicação da sala para o encontro estará anotada na lousa do CAII na própria quarta-feira.

CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

José Israel (01)

A USP realiza em 20 e 21, próximos, o seu 4º **Seminário de Cultura e Extensão**

Universitária. Os temas são:

- as conseqüências, para o ensino, das negociações internacionais sobre serviços;
- a inclusão social.

Os objetivos do seminário são divulgar, interna e externamente, os principais aspectos dessas temáticas e contribuir, de forma crítica, para a elaboração de políticas públicas.

Informações completas no

www.usp.br/prc

Capítulo Final da Novela

Afaga-Me de Jonas Boni

(02),

- Entrara na casa. Estava do mesmo jeito quando cheguei aqui pela primeira vez. As fotos dele com ela...

Confira pág 3

ATENÇÃO!

SIMPÓSIO DE NEURO-ARTE!

Toulouse (98)

O SEGUNDO SIMPÓSIO DE NEURO-ARTE será realizado em Ribeirão Preto no dia 1º de setembro (Semana da Pátria). O evento busca a integração entre neurociências e arte.

<http://rfi.fmrp.usp.br/~neuro-arte>

O ENEP ARACAJU VEM AÍ!

COREP-BAURU

Lets

Dias 23 e 24 de agosto em Bauru, estará acontecendo o primeiro Conselho Regional de Estudantes de Psicologia do Estado de São Paulo deste semestre. Gostaríamos de lembrar que as passagens serão bancadas pelo CAII, mas os interessados devem deixar o nome na Val até o dia 20 de agosto. Para maiores informações mandar e-mail para CAII@yahoogroups.com.

Ser Político de Rubens (01),

Falando de questões grandes demais para nossa insignificância, talvez poucas pessoas já tenham lido esse espaço e se implicado com o que ele continha ...

Leia na pág 2

Eleições do Centro

Acadêmico Iara

Iavelberg

Saiba mais na pág 4

AAA Busilis: Copa USP

Foi divulgada esta semana a Classificação Final da Copa USP 2003, realizada no primeiro semestre deste ano. Não houve resultados surpreendentes. A POLI ficou com o tetracampeonato, seguida da EEFEE e da FEA, que travaram boa disputa pelo vice-campeonato, decidido por apenas 17 pontos. A Psicologia fez muito bonito na competição, com ótimo desempenho dos dois times inscritos: Futsal Masculino e Feminino. Ambos foram eliminados na primeira fase, por isso marcaram poucos pontos. Parabéns aos atletas e esperamos que outras pessoas compareçam aos treinos, cujos horários estarão afixados no Mural da Atlético a partir do dia 21 de agosto.

Fica nossa torcida para os Jogos da Liga, com início dia 13 de setembro, e pra o BIFE, a ser realizado no "feriado" de 15 de novembro. Até lá!

Atenção: Dia 11/09 – Eleição para a nova chapa da Atlético. Não percam!

Arquivos do CAII

Lets

É galera, estamos tentando fazer um arquivo do CAII com o intuito de preservar um pouquinho da história da PSICO-USP e quem sabe organizar uma exposição. Quem puder colaborar emprestando fotos de calouradas ou semanas da Psico, manuais dos bixos ou doando camisetas de calouradas, por favor, mande um e-mail para CAII@yahoogroups.com ou entre em contato comigo.

SER POLÍTICO

Esquecimento ou como acabamos nos conformando com a situação

Falando de questões grandes demais para nossa insignificância, talvez poucas pessoas já tenham lido esse espaço e se implicado com o que ele continha, apesar dessa implicação ser essa mesma a sua função. Nem sei se é esse mesmo o caminho. Uma amiga minha diz que as pessoas da faculdade já deveriam ser “grandes” o suficiente para pensarem por conta própria, então ficar discutindo acontecimentos seria perda de tempo. Talvez ela tenha razão, mas as pessoas não têm tempo para pensar sobre tudo. Enfim, chega de justificar o espaço, se ele existe, vamos aproveitá-lo. Chega de crise existencial. Eu li faz algum tempo, um artigo de um autor francês, Jacques Rancière, que saiu no Caderno Mais da Folha de São Paulo de 25 de Maio. Fala sobre a gravidade de se esquecer o que se tinha começado. Não lembrar no final da frase o que se queria dizer ao começá-la, ou no

COMISSÃO ORGANIZADORA DO BOCA:

Carlos Hideaki Fujinaga “Batata” (99), Danilo Silva Guimarães (01), Erika Azevedo (02), Guilherme Gibran Pongibin (98), José Israel Guedes Rodrigues (01), Paulo Pita (03), Roberto Lustosa de Andrade (02)

Diagramação: Roberto Lustosa de Andrade (02)

Revisão: José Israel G. Rodrigues (01)

[R] = Texto Revisado, Tiragem: 300 exemplares

Publique no Boca: Envie para o e-mail do BOCA textos anexados como documentos do MS-Word (.doc) com/ou imagens em preto e branco até o meio dia de **sábado**, obedecendo a ordem de chegada para as publicações. As reuniões da Comissão Organizadora ocorrem semanalmente às segundas-feiras das 13 às 13:30.

Participe !!

www.psicousp.org

boca@yahoogroups.com

ponto de chegada, as razões pelas quais se partiu para a viagem. Ela se referia ao perigo das armas de destruição em massa que com a invasão deixou de ser notificada. Na necessidade das redes de televisão em narrar hora a hora o que acontecia, não houve tempo de falar da não-informação constituída pelo não encontro, de lembrar-se da causa da ameaça e pedir que a intervenção a verifique e a si mesma.

Desisti da idéia. Com o currículo aprovado para o ano que vem depois de exaustivas reuniões de congregação era preciso falar o que acontecera, as conquistas, os limites, o currículo. Mas foi justamente isso que aconteceu desde o começo do ano. Fazíamos reuniões uma, duas, três vezes por semana, discutindo questões essenciais, além de textos, tabelas, contas, num ritmo meio alucinante. Era o presente constante a que Rancière atribui a amnésia em que vivemos, mas ela não foi causada nem pela indistinção do poder que abole as diferenças temporais como o autor aponta, nem pela televisão ou internet que imporiam um presente sem limites causando o esquecimento; foi o ritmo de trabalho que não era diferente ao que todos estão habituados.

Até que nos disseram (os professores) que demos (os alunos) mais agilidade ao processo. Caiu a bomba. A Juliana, o Téo e o André, sempre foram representantes super-responsáveis, radicais (no sentido de buscarem as raízes dos problemas), sempre consultavam os alunos etc. E nós demos uma agilizada no processo? A imagem é da ovelhinha sendo pastoreada, da criança obediente que faz o que é mandada. Decidimos para acalmar a consciência, ou repensamos, que o motivo era que a reforma tinha que sair de qualquer jeito (ah é, tudo que está sendo falado é da minha parte, não sei se a Eliana, a Mari, o Guarujá ou o Renato iam

Rubens (01) concordar com nada disso, mas mesmo assim vou continuar usando nós para me referir aos RDs da comissão ampliada – eu, Eliana e Mariane Ceron). Nunca nada tinha sido mudado estruturalmente, então qualquer mudança ia ser positiva, e tal. Depois, quem via apontava falhas, sugestões, e nós defendendo o que estava ali, que era o possível. Será que em algum momento nós perdemos a referência e estávamos apenas justificando o porquê daquilo que havia na proposta sem verificar seus fundamentos? Será que fizemos concessões demais e acabamos deformando o currículo? A carga horária do novo currículo talvez fique mais pesada, talvez não exista oferta suficiente e as optativas que existirem passem a ser obrigatórias, e a transição será possivelmente trabalhosa demais. Para que isso então?

Não sei se cabe aqui apontar os pontos positivos da reforma, e talvez o maior deles tenha sido despertar os alunos para sua implicação nesse Instituto e na Universidade. Não dava para transformar uma coisa horrível numa coisa bela em um ano, e também não dava para passar por cima de todos os interesses dos docentes daqui. Mas se iniciou efetivamente um processo que estava estancado. Apesar disso, foram muito importantes todas as contestações, que apesar de parecerem sem retorno foram indispensáveis para nos indicar o caminho percorrido. A lição que poderíamos tirar é: Faça o possível hoje para tornar o impossível hoje possível amanhã. Mas a que eu deixo é: “Aproveite sempre o Guarujá que há por perto em cada situação”; apesar de às vezes um pouco indigesto, é o mosquito no nosso ouvido que não nos deixa esquecer.

Obrigado a todos que participaram dessa primeira fase.

E a todos que nos agüentaram.

“Afaga-me”

Capítulo Final

JONAS BONI (03) [R]

- Entrara na casa. Estava do mesmo jeito quando cheguei aqui pela primeira vez. As fotos dele com ela... Isso por que o desgraçado disse que as tiraria de vez... O cheiro do perfume de mulher que ela usava estava completamente impregnado pela casa. Eu já não agüentava mais. Tudo aquilo me enojava. Sabe? Eu acho que no fundo sabia que ele não ia ficar comigo, que ele iria me trair, fugir, sei lá... Eu achava que ele tava me traindo também, assim como fazia com a mulher dele. Simplesmente não dava pra continuar.

Eugênio não conseguia dar um passo sequer. Estava travado, irritado, com ódio... Via nos rostos felizes dele e dela nas fotos, que por algum motivo ele estava fazendo papel de bobo.

Segundo o plano, Nirenice tinha que estar em casa, pronta pra morrer. A única coisa que Eugênio tinha que fazer era matar a infeliz, porém ela não estava lá. Aliás, não tinha ninguém lá, apenas Eugênio. O estresse da situação parecia ainda mais forte na cabeça de Eugênio. No momento, a única coisa que veio à cabeça de Eugênio foi ligar pra Romualdo, e foi nessa hora que ele percebera que tudo estava premeditado pra outros fins.

- Atenda esse celular Romualdo!

- Vamos homem! Rápido, ela não está aqui... Pelo amor de Deus, atenda!

Depois de umas três ou quatro ligações, Eugênio escutou um celular tocando. Parecia que o som vinha do lado de fora. Atrás da porta de entrada. O toque era exatamente o mesmo do celular do amante.

- É claro! Ele veio me ajudar.

Eugênio abriu a porta. Romualdo estava lá. Plantado, com uma cara estranha, parecia desnorreado com alguma coisa. Os olhos lacrimejantes, as mãos vermelhas e a roupa desarrumada. Parecia que tinha acabado de brigar com alguém.

- O que aconteceu?

- Eugênio! Você sabe que a pessoa que eu mais amo no mundo é você, né?

- Claro que sei. Mas por que você tá me falando isso? O que aconteceu?

- Bem, não vai adiantar nada o nosso plano.

- Como assim? Por quê?

- Porque ela me traiu, ela sumiu com todo o dinheiro... Ela tem um amante e transferiu todo o dinheiro pra várias contas com o nome dele...

- Amor... Pelo amor de Deus, ela tá querendo te enganar, é mentira... Quando ela te falou isso?

- Ela não me disse nada... Eu escutei... Eu escutei tudo ontem quando ela falava ao telefone com o amante... E o pior é o próprio ex-marido...

- Romualdo... Isso é perfeito, talvez seja um sinal... Nós não podíamos matá-la... Foi um sinal!

Eugênio agradecia com as mãos para o céu... Chorava pelo alívio de não precisar fazer nada contra aquela mulher. O semblante de felicidade explodiu na face de Eugênio. Parecia uma criança quando recebe um presente de Natal dos pais.

Porém toda a felicidade de Eugênio acabara no minuto seguinte. Romualdo não excluíra totalmente o plano de matar, a única coisa que mudara era a vítima.

- Eugênio! Eu quero que você me mate!

- Como?

- Você não percebeu que não tem outro jeito? A única maneira é essa.

- Seu idiota! Eu aqui parado na sua frente, fazendo de tudo pra que você fique bem, fazendo tudo além das minhas forças pra que sejamos felizes juntos e você me vem com essa coisa pequena? Você acha que eu tenho cara de quê? De idiota? Se você quiser, eu sumo da sua vida... Desapareço e você não terá mais problemas... Se é que vai conseguir viver sem mim!

- É! O problema é exatamente esse, Eugênio. Eu não posso continuar com você se estiver vivo.

- Romualdo, se de qualquer forma eu não posso ficar com você, que pelo menos fique vivo! Vá, siga sua vida, mas não me peça uma coisa que eu não posso fazer. Só isso... Por favor! Aliás, por que você não poderá continuar comigo se estiver vivo?

- Porque eu não vou suportar ser traído e levado à mídia! Terei que voltar pra minha mulher, ou começar a namorar outra!

- O quê? Eu não acredito que eu estou ouvindo isso! Sinceramente... Sinceramente.

- É. Escute e engula isso. Eu não posso fazer nada. O que eu posso fazer é ficar com você, mas casado com outra mulher!

- Ah... Enganar uma pobre coitada, enganar a mim e enganar a você mesmo pode?

- Pode, infelizmente a sociedade não vai aceitar a gente.

- Não, não, Romualdo, o problema não é a sociedade que não vai nos aceitar, você não se aceita a si próprio.

- Que ódio! Tá. Eu odeio ser assim. Eu detesto ter esse sentimento dentro de mim. Eu odeio gostar de você. Eu sinto nojo de mim. Eu sinto asco quando você encosta seus dedos no meu corpo. Não gosto da sua barba roçando na minha cara. Eu não gosto de gostar de tudo isso. Eu sinto vontade de me matar por ser assim. Explica pra mim por que eu? Por que tinha que ser eu gostar de você? Não podia ser diferente...

- Romualdo! Você é pequeno. Você se acha tão injustiçado, você se acha vítima, mas na verdade você simplesmente recebe dos outros o que você mesmo quer receber. Já parou pra pensar que você não pode controlar o que os outros falam, pensam? Dá pra você olhar pra mim? Dá pra você parar de chorar?

- Não é fácil, eu te amo demais e não sei como lidar com isso.

- Se você me quiser, te ajudo.

- Não, Eugênio, não dá. Eu já não tenho mais escolhas.

Romualdo chorando se aproxima de Eugênio. Ambos trêmulos, nervosos. Romualdo não conseguia parar em pé. Olhou bem para os olhos de Eugênio. Naquele momento Eugênio estava em desespero, sabia que seu grande amor não estava bem. Sentia sua dor, seu desespero, sua ira, seu amor e seu ódio. Eugênio sabia que Romualdo realmente iria morrer.

Eugênio abraçou o amante bem forte. Sentiu Romualdo mover sua mão para dentro de seu paletó. Num único gemido, Romualdo enfiou uma faca em sua barriga. Nos braços ainda do amante, Romualdo amoleceu as pernas. O sangue escorria pelas pernas. A faca era grande e afiada.

Não tinha mais o quê fazer. Romualdo estava morrendo. Eugênio desesperadamente retirou a faca do corpo dele. Abraçou-o forte. Parecia o engolir com o despe-

ro. Chorava descontroladamente. Ajoelhado no chão com seu amor nos braços, balançava o corpo numa convulsão sem fim. Um pedaço de Eugênio deixara de existir.

- Por que você fez isso? Por quê? Eu te amava tanto! Eu queria tanto te fazer feliz. Eu queria tanto que você percebesse que só você me conhecia, que só você sabia como eu amo. Romualdo, por favor, não se vá! Não vai. Caralho! Por que tem que ser assim? Deus? Você existe mesmo? Se existe por que tem de ser assim? Por favor, faz ele voltar pra mim. Faz...

- Eugênio?

- Romualdo... Você tá vivo?

- Só quero que você saiba que eu te amo mais que tu...

- Não... Volte!

Eugênio pega com força a faca do chão. Começa a enfiar no corpo de Romualdo. Chorava descontroladamente. As lágrimas caíam sobre o corpo.

- Você não queria morrer? Então agora você vai morrer mesmo. Eu te odeio. Eu te odeio!

Não parava mais de espetar o namorado. O corpo já estava mutilado. Não havia mais um pedaço sequer sem um furo.

- Você pode estar morto, mas saiba que eu nunca mais vou te perdoar! Eu te odeio! Eu te odeio. Eu te ode... Eu te amo! Eu te amo com todas as minhas forças... Todas!

Corto-lhe a carne. Sinto o sangue escorrer pelos meus dedos. É quente, viscoso e com um cheiro de ferro insuportável. O pescoço separado do corpo me prende a atenção. Os olhos abertos em direção aos meus parecem me provocar, pedindo mais dor.

É isso que você quer? Então lhe dou. Furo-lhe os olhos. Arranco-lhe as orelhas com os dentes, sentindo a cartilagem levemente trincar dentro de minha boca. Morro com tesão e ódio.

Nunca pensei que fosse tão bom.

O corpo virado de bruços me pede uma sova. Tiro meu cinto de couro, com a fivela grande e dourada. Atiro-o em direção às costas. Vejo-as marcadas, o que me motiva a dar mais cinco ou seis chibatadas. Consigo descontar todo o meu ódio numa só pessoa.

Como é bom.

Eleições do Centro Acadêmico Iara Javelberg Gestão "CAII na Real"

A atual gestão do CAII, "CAII na Real", está chegando ao fim, e está abrindo o processo eleitoral para a gestão 2003/2004.

A inscrição de novas chapas deverá ser feita até o dia 09/09/2003, com qualquer membro da atual gestão, com a entrega dos nomes dos integrantes da nova chapa e a carta-programa (um texto com a proposta da chapa).

As eleições ocorrerão dias 11 e 12/09/2003. Uma apresentação das chapas inscritas para os estudantes será realizada no dia 10/09.

A atual gestão, em seu último suspiro, está organizando eventos para sua sucessão, o primeiro, uma oficina de comunicação, será realizado dia 19 de agosto, terça-feira, das 14h às 17h no CA, e o segundo, o "CAII, que história é essa?" - um resgate histórico de pessoas que já participaram do Centro Acadêmico, desde a década de setenta até os dias atuais -, acontecerá dia 20 de agosto na sala do CAII, evento esse que será seguido de uma confraternização em frente à lanchonete. Para encerrar, haverá um sarau dia 12 de setembro, após a contagem dos votos da eleição, para comemorar o início da nova gestão.

SOBRE O MALECÓN

José Israel (01)

“O Gordon atravessa o Caribe lentamente. De sudeste para noroeste. Sem Pressa.

Fazia quatro dias que o furacão passeava, deixando seu rastro: dois mil mortos no Haiti, trezentos em Santo Domingo. O mar furioso saltava sobre o “Malecón”. O vento pulverizava todo o salitre sobre os prédios velhos e arruinados. Eu não tinha nada para fazer.”

O *Malecón* é um logradouro de Havana. Precisamente, é uma avenida com sete quilômetros, largas calçadas cimentadas e uma amurada em concreto armado que a protege do mar do Caribe. Essa amurada tem altura variável entre um e 2,5 metros ao nível da calçada e mais de 5m em relação ao mar. No lado oposto da avenida, há edifícios centenários, em geral muito desgastados pelas intempéries. Mas os cubanos que circulam no *Malecón* esbanjam vitalidade. Seu espírito é altivo, alegre e despojado; bem brasileiro, a lembrar-me a faceirice da gente carioca ou soteropolitana. Aliás, não poderia ser diferente. Em Havana, como em Salvador, é forte a presença do negro e do mulato, com sua culinária, práticas religiosas, musicais e sensualidade à flor da pele.

As pistas do *Malecón* são intensamente ocupadas por automóveis e veículos a tração humana (bicicletas e triciclos, estes complementando o transporte coletivo), enquanto as pessoas andam nas calçadas indolentemente, ou ocupam os bares em frente aos edifícios e os bancos junto à amurada. Há muitos turistas estrangeiros e nativos de várias regiões do arquipélago cubano. Estes são facilmente diferenciáveis entre si. Há os que, além do peso cubano, têm acesso ao dólar, e os que não o têm.

É que o dólar vale 25 vezes mais que o peso cubano. Em conseqüência, presenciam-se nas calçadas do *Malecón* situações inimagináveis num país socialista típico. Há muitos nativos “ricos”, geralmente os com acesso ao dólar, que exibem riqueza material, enquanto os demais nativos, a maioria deles, vestem-se espartanamente e não têm sequer um relógio modesto. Mas eles não se mostram descontentes com o regime socialista. O Estado lhes garante, gratuitamente, ou cobrando valores monetários simbólicos: alimentação básica, habitação coletiva, excelente assistência médica (clínica e cirurgia médico-odontológica, psicológica, psiquiátrica), transporte coletivo, catorze anos de escolaridade básica (obrigatória), formação técnica ou acadêmica (voluntária), práticas esportivas assistidas, lazer cultural, liberdade religiosa. Também lhes garante emprego e livre ação (ou inação) política desde que ela vise ao aprimoramento do regime socialista. A saída do cubano para o exterior é autorizada pelo Governo somente quando atende a determinados requisitos legais, bastante restritivos.

É assim como vejo o atual socialismo cubano desde o *Malecón*. Mas, tudo o que é garantido para um ser humano, é, de certa forma, esquecido por ele. E o que alguém mais deseja é aquilo que só um outro tem. E o capitalismo explora isso magistralmente, mesmo numa terra socialista, mediante o uso e abuso do efeito-demonstração do *glamour* do *american way of life*.

Assim, os cubanos “pobres” não dispensam o que de bom o socialismo lhes garante, mas muitos ambicionam o

Trecho de “*Eu, revolvedor de merda*”, in Trilogia suja de Havana.

Pedro Juan Gutierrez

que o capitalismo lhes pode prometer, bem visível nos cubanos “ricos”, nos turistas, no cinema e na televisão. Eles não se queixam do Fidel, mas, do Bush. “O país está sob severo e generalizado embargo, imposto pelo governo ianque há quarenta anos. A situação ficou muito ruim com a implosão do socialismo na União Soviética e com o governo ianque atual.”, disseram-me diversos deles, socialistas ou não.

Também vêm-se nas calçadas do “Malecón” belas cubanas, balzaquianas cultas e políglotas. Elas são muito interessadas em ser útil ao estrangeiro, freqüentemente como guia turístico (são denominadas “jineteras”), e pelo seu serviço cobram em dólar. Há muitos jovens no local. Uma parcela deles é constituída de estudantes, geralmente não universitários, que passam seu longo período de férias escolares (julho e agosto) a fazer e vender peças de artesanato, a mergulhar prazerosamente no mar, desde a amurada, e a pescar nele com longas varas. Outra parcela é constituída de rapazes e moças, com mais idade, muitos deles voluntariamente sem vinculação empregatícia. Eles apresentam-se vestidos com esmero, usualmente com artigos provenientes do exterior. Estão exageradamente ornados com prata e ouro. Vários rapazes têm dois ou mais dentes de ouro na boca (disseram-me que isso é moda!) e corte moderninho de cabelo. Verifiquei que há liberdade de expressão sexual ainda que alternativa, pois percebi “garotos de programa”, para os dois sexos, e “garotas de programa”, todos circulando livremente, embora com discrição. “Atacam” o turista estrangeiro desacompanhado, sob as vistas dos policiais (há muitos destes nos principais logradouros) que garantem a segurança no local. Não vi travestis ou prostitutas comuns.

O problema para o turista inexperiente que transita no *Malecón* afim de se divertir sexualmente, e sem maior compromisso, é o risco de ir com a paquera cubana (homem ou mulher) ao quarto dela, muitas vezes, em residência coletiva. É comum, nesse caso, o estrangeiro ver-se inesperadamente “aliviado” do seu dinheiro por ela ou por terceiros no local.

Os demais transeuntes são cubanos que se orgulham de serem verdadeiramente socialistas. Eles, quando têm tempo livre, vão ao *Malecón* para apreciar o demorado e belíssimo por-de-sol, que se completa lá pelas 20h, e para se entreter em intermináveis conversas entre si ou com os estrangeiros, pois são hávidos por informações do exterior, especialmente do Brasil, do Governo Lula, do PT, do MST etc.

Esses últimos cubanos vêm com desprezo os seus compatriotas que não aceitam o emprego fixo garantido pelo Estado - ou oferecido nas poucas empresas de


economia privada ou mista, especialmente autorizadas pelo governo - e se dedicam a "atividades" melhor remuneradas. Porém o desprezo é menor em relação a quem exerce as tais "atividades" de forma complementar ao seu emprego fixo. É que todos têm consciência do baixo poder aquisitivo dos salários em peso cubano.

Referidas "atividades" são toleradas pelas autoridades governamentais. "Essa é uma questão de sobrevivência não apenas de alguns indivíduos, mas do nosso país que está a padecer severa escassez de divisas. O governo ianque embarga o máximo que pode o nosso comércio exterior. Cuba é uma ilha socialista pacífica constantemente acossada por um mar capitalista agressivo.", disse-me um estudante na Universidade de Havana, que se identificou como membro da Juventude Comunista de Cuba. Para outros estudantes, também socialistas, porém, mais realistas, dever-se-ia experimentar, além do turismo de lazer ou com outra especificidade, uma forma mais consistente de obter divisas. Lembraram-me, por exemplo, que o Vietnã do Norte e a China estão adotando com sucesso medidas econômicas heterodoxas. Eles, ainda politicamente socialistas, mantêm os planos socialistas na macroeconomia, mas adotam e ampliam as práticas capitalistas que se mostram mais eficazes que as socialistas na microeconomia. Em consequência, está havendo afluxo de capitais internacionais para inversão nesses países - uma inversão delimitada pelo Estado - que estão, não apenas sobrevivendo, mas, apresentando desenvolvimento econômico e social rápido.

É necessário lembrar, no entanto, que o Vietnã do Norte e a China podem experimentar alternativas de solução de


seus problemas econômicos com relativa tranquilidade. Pelo menos enquanto não estiverem sujeitos a severas restrições externas de toda ordem, como as impostas pelos EUA a Cuba, inclusive as decorrentes de ameaças de invasão militar, que no Governo Bush são crescentemente virulentas.

Um cidadão egípcio (50 anos) afirmou-me, enquanto bebíamos *cervezas Bucanero* numa tarde encalorada (40 graus) no *Malecón*, que Cuba, embora socialista, voltara a ser um "paraíso" para o estrangeiro, depois de 44 anos da derrubada do governo de Fulgencio Batista por Fidel Castro. Um dos argumentos dos primeiros revolucionários era que Havana se tornara um bordel de luxo dos norte-americanos. Aquele cidadão, representante comercial, pequeno exportador-importador, alterna um mês em Quebec, onde tem um escritório e uma residência, com um mês em Havana, onde tem outro escritório situado em um dos quartos de uma residência coletiva. Ele usa o escritório também como residência, com ar condicionado, refeições e outras mordomias, inclusive o direito de receber mulheres cubanas. No meu quarto de hotel, com uma diária maior, eu dispunha de tudo isso, exceto a companhia cubana. Inacreditavelmente, no hotel, destinado a turistas estrangeiros (havia muitos norte-americanos), é vedado o acesso de nativos, exceto quando estão nele hospedados na condição de recém-casados. A concessão é um presente oficial de casamento. Nos meus catorze dias de estada, vi e conversei apenas com dois desses casais.

Assim, quando eu não estava dormindo no hotel, ou visitando os demais logradouros de Havana com um amigo cubano, eu me mandava para o *caliente Malecón*. 

Desejar

Não existem canções
Que traduzam o meu sublime amor
Carregado de emoções
Despertadas, na sua presença.

Não existem declamações
Que transmitam sentimentos
Nobres como o que sinto
Toda vez que te vejo. 

Não existem poemas
Que expressem a voz do meu
coração
Cansado de proferir
Em vão, a mais sincera declaração.

Não existem palavras
Que denotam o sofrimento
de minha alma, por te desejar
E não encontrar meios para te
conquistar.

João Rodrigo I. Matsumoto (03) 


Paixão
Incêndio de avassaladoras proporções,
alastra-se brutalmente pelos campos
cultivados, desgastando plantações,
que suplicam piedade aos prantos.

Fogo sustentado pela fúria do vento
expresso num desejo crescente
desafia o comovente acalanto
minimizador da sede ardente.


Intensamente mescla emoções,
desperta inéditos sentimentos,
alimentando segundas intenções
em planejados momentos.


Cega obsessão
incontrolável pela razão,
desliza sobre a alma uma sensação
disparadora da pulsação.

Corações palpitantes
impõem regras emocionais
com variantes excitantes,
conduzidas por sanções ditatoriais.

Cairo Trindade, *in Poematemagia*
Enviado por Pedro Tostes com
autorização do autor. 

Incontestáveis loucuras promovidas
por impulsos autônomos
consumidores de forças exauridas
durante atuação passageira.

Tempo cronológico,
exclusivo antídoto desenvolvido
para afrouxar gradativamente,
o consistente laço estabelecido. 

João Rodrigo I. Matsumoto (03) 

Os Banheiros do Bloco de Aulas (Bloco B)

Guarujá (01)

Em novembro de 2001, o pessoal do Centro Acadêmico da gestão 2001/2002 enviou um ofício ao Diretor do Instituto de Psicologia comunicando-lhe a situação precária dos banheiros femininos do Bloco B. Na época, havia vários vasos sanitários quebrados, pias quebradas, cabines sendo utilizadas como depósito, saboneteiras e porta-papéis quebrados, e as portas não tinham mais trinco.

Nesse ofício, solicitava-se o conserto imediato dos danos, e sugestão de colocação de ganchos nas cabines para pendurar bolsas, além de um projeto de reforma mais abrangente.

No mesmo mês, nosso Diretor, Prof. César Ades, respondeu o ofício comunicando que seria efetuada uma vistoria logo e que seriam tomadas as medidas necessárias para sanear os problemas. Além disso, disse que achou boa a sugestão de colocar ganchos, e que iria levá-la adiante.

No mês seguinte, dezembro de 2001, enviou outro ofício comunicando que seria feita uma reforma completa dos banheiros do Bloco B até o início das aulas do ano seguinte.

No início de 2002, quando voltamos das férias, a reforma não tinha sido feita! Agendamos uma reunião com

o Diretor, e ele nos informou que o ofício estava errado, e que a reforma seria feita em julho de 2002.


Acabou de passar julho de 2003, e cadê a reforma?

O banheiro feminino continua com cabines sendo utilizadas como depósito, vasos sanitários quebrados, sem fechadura nas portas, pia quebrada, papel higiênico solto, pois o local de fixá-lo está quebrado!

O banheiro masculino, além de todos esses problemas, não tem mais porta-sabão! As funcionárias têm que improvisar, utilizando garrafa de água como porta-sabão, o que faz com que o desperdício seja enorme. E no outro banheiro, improvisaram amarrando um sabonete com um barbante e pendurando no cano de água da pia. Além disso o porta-papel é insuficiente, facilitando o desperdício e a sujeira do banheiro!

Será que os banheiros do Bloco dos professores também são assim?

Será que os estudantes terão que fazer algum tipo de manifestação para conseguir uma reforma no banheiro?

Será que uma solicitação dos estudantes, mesmo feita por ofício, não tem nenhuma importância, e que terão que tomar alguma outra atitude, como foi feito com a construção da rampa de entrada do Bloco B, em que foram enviados três ofícios que não obtiveram resposta, e então os alunos tiveram que construir eles próprios a rampa? 

Graça ou Desgraça?

Lygia Viégas (NAC - pós)

Minha participação no Núcleo de Ação pela Cidadania tornou possível que eu me aproximasse um pouco mais do sofrimento vivido por famílias muito pobres pelas suas dificuldades de morar dignamente. Pulando de casa em casa, de cortiço em cortiço, de barraco em barraco, não conseguem fixar-se em um lugar... A saga de algumas muitas vezes termina embaixo de viadutos da Marginal, onde cronificam sua dificuldade de participar como gostariam do mundo social: trabalhar, escolarizar os filhos, ter saúde, segurança (que não envolve só o físico, mas o simbólico), mas, sobretudo, ter um teto sobre suas cabeças.

Desde que se iniciou essa aproximação, fiquei intrigada com uma poesia-música que certamente embalou minha infância, e creio que a de quase todas as crianças brasileiras de minha geração: a casa, de Vinícius de Moraes.

Foi desse incômodo que tive a ousadia de refazer essa composição, que passou a se chamar: "A vida é bela?"

Era uma casa?

Tão desgraçada...

Não tinha teto, não tinha nada!

Todos podiam entrar nela, sem distinção,

Porque a "casa" era ponto de circulação.

Mas ninguém podia dormir na rede,

Porque na "casa" não tinha parede.

E ninguém podia fazer xixi,

Porque pinico não tinha ali.

Ela era feita de muita miséria,

Embaixo de uma ponte recém-construída na Avenida das Nações Desunidas, em uma grande metrópole.

Ápeiron

(Busilis; ∞)

Parte 1 de 2

Sufrimento Fetal

O que me diz, caro Deus, deste sofrimento todo?
Não sei, nem nunca soube de nada...

É você quem me faz sofrer? O que ganha com isso?
Não sou eu quem tenho de ganhar com isso...

Não me lembro...como cheguei a acreditar em você?
Não precisa acreditar em nada...

Da profunda solidão fetal que cria e recria o meu sofrimento áureo, necessitei um dia acreditar que não estava sozinho neste mundo. Perdidos os laços umbilicais psíquicos que ainda me ligavam a certas pessoas, necessitei ainda de acreditar que não estava só. Mas, penso agora, desta gaiola dourada dentro da qual observo este mundo caótico e filha da puta, julgo haver *algo mais*, algo verdadeiro, que exista, e que me conceda permissão para não mais mentir em nome da conservação. Mas não desejo um Deus vazio, que mantenha um rebanho apenas para júbilo próprio. Também não quero um grandioso e inalcançável Deus barroco, que faz ressoar com sons grandiloqüentes os mais ancestrais e gigantescos órgãos do paraíso. Então será que, por não me entregar cegamente a estes vis prazeres com os quais as almas são compradas, devo ser castigado duramente com as *sagrações da iluminação*? Sim, porque não tenho dúvidas que sou um *iluminado*. Mas a minha luz é negra.

O que faço com esta luz negra que me cega o coração?
Deixe brilhar as tuas partes brancas...

E, se minhas lágrimas salgadas não mais servem ao cultivo destas flores?
Então deixe de chorar por elas...

O fio róseo de minha alma se degrada ao sabor ácido dessa multidão mal-educada...
Volte-se aos sorrisos infantis daqueles que ainda estão por vir...

Devo agora confessar a minha culpa perante o grande firmamento. Se é verdade que também eu servi aos ensejos peremptórios destes vis espíritos baixos, fui também o primeiro a recusar os seus presentes. Mas me vejo tragado até o meu último fio cósmico para este turbilhão de idiotices e mentiras deste mundo material de terceira categoria. E você, o Deus, é também culpado por isso. Pudesse eu sintonizar com a tua vibração, destruiria-nos, eu a você e eu, a mim. Mas eu sei que isso seria um ato infantil, que a tua vibração é apenas um outro pretexto para a existência supérflua das almas inferiores, para que não se percam diante do NADA da existência.

Alma-gêmea? Como poderia eu suportar mais uma alma perdida em hipocrisia e egoísmo, se não dou conta nem de mim mesmo?

O espelho é a chave para a transcendência que procura...

E a morte? É atraente, é poderosa, é descon...
Não existe a morte. Apenas existe o fim de toda a vida...

É engraçado isso. No século vinte, tomar-me-iam como um portador de distúrbios de personalidade. Hoje, sou um daqueles que acessam uma das partes obscuras e terríveis de Deus. O verdadeiro nascimento ainda está por vir...